

O ativismo infantil como ferramenta de educação ambiental – Estudo de Caso de um projeto brasileiro

Child Activism as a Tool for Environmental Education – A Case Study of a Brazilian Project

Karina Venâncio Bonitese, Professora Mestre, CEFET-MG.

karinabonitese@cefetmg.br

Júlia Bonitese Duarte, estudante do ensino fundamental, Colégio Santo Agostinho BH.

pequenosprotutoresdoplaneta@gmail.com

Resumo

A crise climática global afeta crianças e adolescentes como resultado das escolhas de seus antepassados e a educação ambiental torna-se um elemento importante para a criação de novos hábitos e a garantia de um futuro sustentável. Este trabalho objetiva mostrar a importância do ativismo ambiental infantil como ferramenta de educação ambiental através das ações de uma ativista brasileira de 11 anos. Observou-se que o desenvolvimento de atitude e comportamento ambientais estão diretamente vinculados à relação do indivíduo com a natureza, sua idade, as informações adquiridas e as relações sociais. Identificou-se, ainda, que este vínculo ocorre tanto para a ativista, quanto para as crianças e adolescentes que a acompanham. Embora o ativismo e o projeto apresentados sejam até o momento espontâneos, as avaliações realizadas com o método de observação participante ofereceram indicadores para o planejamento de ações em programas educativos e comunitários.

Palavras-chave: Desenvolvimento sustentável; Educação ambiental; Ativismo

Abstract

The global climate crisis impacts children and adolescents as a consequence of the choices made by their predecessors, making environmental education a critical element for the development of new habits and the assurance of a sustainable future. This study aims to highlight the importance of child environmental activism as a tool for environmental education, demonstrated through the actions of an 11-year-old Brazilian activist. It was observed that the development of environmental attitudes and behaviors is directly linked to an individual's relationship with nature, their age, the information acquired, and their social interactions. Furthermore, it was identified that this connection is evident both in the activist and in the children and adolescents who follow her. Although the activism and the project presented are currently spontaneous, the evaluations conducted using the participant observation method provide valuable indicators for planning actions within educational and community programs.

Keywords: Sustainable development; Environmental education; Activism

1. Introdução

A Crise Climática tem sido o foco das agendas políticas em todo o mundo, visando apresentar soluções pautadas no Desenvolvimento Sustentável e capazes de reverter os efeitos das ações antrópicas sobre o meio ambiente, a economia e a sociedade. Tradicionalmente, estas ações afetam majoritariamente crianças e adolescentes que, expostas ao risco, tornam-se vítimas inocentes das escolhas de seus antepassados [1]. Entretanto, a submissão aos efeitos climáticos e o acesso crescente à informação permitem a mudança de um cenário que vitimiza o público infanto-juvenil para um que sublima seu papel enquanto agentes de mudança. Desse modo, ao mesmo tempo em que são extremamente vulneráveis às ameaças do clima e das ações antrópicas, apresentam enorme resiliência e adaptabilidade, configurando-se como futuros atores políticos e sociais [1].

A Conferência de Estocolmo, realizada em 1972 pela Organização das Nações Unidas (ONU), não apenas estabeleceu um marco no reconhecimento global das questões ambientais, como também desencadeou uma mudança fundamental na mentalidade coletiva em relação à proteção do planeta, despertando a necessidade de ações concretas de enfrentamento dos desafios ambientais emergentes. Até então, o ativismo que se valia de mobilizações de pequenos grupos de ambientalistas formados por indivíduos técnicos por profissão ou políticos de formação humanística interessados na redemocratização, e que lutavam pelas questões ambientais e políticas [2], evoluiu para um ativismo ambiental mais abrangente e que transcende fronteiras e gerações. Organizações como o *Greenpeace* têm desempenhado um papel significativo na conscientização pública e na defesa de práticas sustentáveis. Além disso, jovens líderes como Greta Thunberg têm emergido como vozes inspiradoras, liderando movimentos como a Greve das Escolas pelo Clima, despertando a consciência das gerações mais jovens e desafiando os líderes mundiais a tomarem medidas mais pragmáticas. O movimento *Plant-for-the-Planet*, iniciado por Felix Finkbeiner quando tinha apenas 9 anos, exemplifica o poder da juventude na busca de soluções concretas para a crise climática, demonstrando que a ação coletiva pode gerar impacto tangível na restauração dos ecossistemas e na proteção da biodiversidade. Essas iniciativas, alimentadas pela energia dos jovens ativistas, demonstram o potencial propagador da consciência ambiental a partir de ações de engajamento.

O engajamento em causas ambientais pode ser influenciado pela disponibilidade de informações e pelo processo de aprendizado ao longo do tempo, sendo uma consequência direta da conscientização e da educação ambiental acumulada ao longo da vida dos indivíduos [3]. Neste processo, atitude e comportamento ambientais começam a se desenvolver por volta dos 7 anos de idade, crescendo até os 10 anos e estabilizando-se até os 14 anos, quando tendem a reduzir e se consolidar aos 18 anos [4]. Tal resultado é explicado pela maior relação das crianças menores com os ambientes externos a partir de suas brincadeiras, em contraponto ao isolamento praticado a partir da adolescência. Adicionalmente, a educação ambiental baseada na natureza, que associa aquisição de conhecimento aliada à promoção da experiência direta com o meio, potencializa o aprendizado e a responsabilização [5]. Outro fator relevante na atitude e comportamento ambientais do indivíduo é o processo de diálogo e exemplo pelos vários agentes de socialização, tais como família, escola, pares e meios de comunicação. Os pais, dentre estes, são considerados os agentes de socialização mais importantes por possuírem o maior impacto no resultado de socialização de seus filhos [6], que adquirem valores, normas e comportamentos congruentes. É observado, ainda, que o comportamento ambiental de crianças e adolescentes é frequentemente amplificado pela influência de seus pares, um fenômeno que pode ser elucidado pelo conceito de "efeito manada". Este

fenômeno, avaliado sob a ótica da educação ambiental na infância e na juventude, descreve a propensão à imitação das ações ou comportamentos de seus colegas ou figuras de autoridade, levando-os a seguir padrões de conduta ambiental, sejam eles positivos ou negativos [7].

Diante do contexto desafiador da crise climática, do crescente reconhecimento da importância da conscientização ambiental desde a infância, do papel significativo das crianças e jovens como agentes de mudança e dos fatores de influência da atitude e comportamento ambientais, postula-se que o ativismo infanto-juvenil pode ser uma ferramenta eficaz de educação ambiental. A hipótese sugere que o envolvimento ativo das crianças e jovens em iniciativas de ativismo ambiental não apenas promove a conscientização sobre questões ambientais, mas também fortalece seu senso de responsabilidade e conexão com o meio ambiente, contribuindo para a construção de uma cultura de sustentabilidade, mobilização de comunidades e influência na elaboração de políticas públicas.

Apesar do crescente interesse em iniciativas de educação ambiental, o Brasil ainda apresenta uma atuação incipiente no ativismo infanto-juvenil, resultando em uma lacuna significativa na compreensão deste movimento como uma ferramenta eficaz de conscientização. Tal cenário evidencia a necessidade de avaliar as ações existentes e promover novas iniciativas, de modo a fomentar o processo de conscientização ambiental entre a população mais jovem do país.

Para tanto, o objetivo geral deste trabalho foi examinar o ativismo infantil como uma ferramenta de educação ambiental, a partir das atividades desenvolvidas por uma ativista brasileira de 11 anos, e seus efeitos na conscientização e no engajamento de crianças e adolescentes.

2 Procedimentos metodológicos

Este estudo adotou a abordagem qualitativa, empregando o método de observação participante. As pesquisadoras atuaram como participantes ativas, possibilitando uma imersão completa nos processos e ações investigados, ao mesmo tempo que realizaram uma análise reflexiva para assegurar a integridade e validade dos achados. Esta abordagem facilitou a compreensão das motivações e influências da ativista, além de proporcionar uma documentação detalhada e uma análise minuciosa das atividades realizadas.

Para o desenvolvimento deste estudo, realizou-se a descrição e a avaliação da infância da ativista, verificando-se os fatores de influência no seu engajamento ambiental. Em seguida, as práticas de ativismo foram descritas e avaliadas, identificando-se os desafios e resultados de cada ação, assim como os resultados na comunidade e em outras crianças e adolescentes. Por fim, foram apresentadas algumas orientações para ações futuras da ativista e para programas de educação ambiental que integrem o ativismo infantil.

3 Aplicações e resultados

3.1 Infância e influências

Pesquisas científicas comprovam que o contato com a natureza na infância contribui para o desenvolvimento intelectual, emocional, social, espiritual e físico [8]. O brincar do lado de fora permite, ainda, que as crianças criem vínculo com a natureza e aprendam o valor do cuidado com o meio ambiente, com o outro e consigo mesmas.

A primeira infância da ativista Júlia Bonitese, nascida em 2012 na cidade de Belo Horizonte, foi marcada por estreito contato com a natureza. O incentivo familiar ao uso de espaços naturais ofereceram inúmeras oportunidades de exploração, aprendizado e desenvolvimento de conexão com o meio ambiente, disponibilizados tanto em praças e parques urbanos, quanto em atividades de férias ou fora do seu território cotidiano. O estímulo a brincadeiras ao ar livre permitiram experiências sensoriais, estímulo da criatividade e promoção do senso de admiração e respeito pelo meio natural [8]. A Figura 1 ilustra atividades ao ar livre utilizando-se dos recursos naturais.



Figura 1: Atividades de brincadeira junto à natureza. Fonte: elaborado pelos autores.

Durante o período de isolamento social imposto pela Pandemia de Covid-19, em 2020, as restrições às atividades ao ar livre em espaços públicos fizeram-se necessárias e a família instalou-se temporariamente em um sítio. Nesse período, percebeu-se o fortalecimento do vínculo da criança com a natureza e a ampliação da sensação de pertencimento ao ambiente natural. Esta experiência proporcionou-lhe uma percepção mais integrada de si mesma como parte intrínseca da natureza, corroborando com a teoria de Louv [8]. Em abril de 2021, com o retorno ao ambiente urbano e o início das atividades escolares remotas, a criança, então com 8 anos de idade, teve seu primeiro contato com temas relacionados às mudanças climáticas, assim como à leitura de referências importantes, destacando-se Greta Thunberg, Malala, Daniel Munduruku, dentre diversos outros autores sobre meio ambiente. Todo este processo, somado ao diálogo familiar, despertou em Júlia a necessidade de se posicionar frente à conscientização ambiental de sua geração na luta pela preservação do planeta.

Diante disso, com o aumento das experiências ao ar livre, a relação com seus agentes de socialização (pais) e o conhecimento adquirido, observou-se uma transformação nos comportamentos e atitudes ambientais da criança em seu cotidiano. Houve uma preocupação crescente com o consumo de água, energia e plásticos; a implementação do consumo consciente; a adoção de iniciativas de redução, reutilização e reciclagem; e o desejo de reduzir o uso de transportes movidos por combustíveis fósseis, dentre outras medidas. Fomentou-se, assim, o desejo de promover ações de conscientização entre familiares e amigos, o que culminou na concepção de um projeto direcionado a crianças e adolescentes, que visa proporcionar-lhes acesso a informações e fomentar seu engajamento nas causas de proteção do planeta.

Como resultado da avaliação da infância da ativista entre seus 8 e 11 anos, confirmou-se a importância do processo de aprendizado na conscientização ambiental [3], levando à potencialização das atitudes e comportamentos ambientais até o momento [4]. Este percurso evidenciou também a importância da relação entre aquisição de conhecimento e experiência prática com o ambiente como incentivador do engajamento na proteção ambiental, destacando

a influência dos agentes de socialização na sua postura ambiental, em especial a dos pais, como relatado na literatura [6].

2.2 Práticas do ativismo

A concepção de um projeto de educação ambiental voltado para crianças e adolescentes surgiu da necessidade de Júlia promover a conscientização ambiental entre seus pares e estimular o interesse pela proteção do planeta a partir do conhecimento. A preocupação em transmitir informações de forma acessível e em uma linguagem compreensível levou à definição de ações específicas para seu projeto. Assim, o projeto "Pequenos Protetores do Planeta", que iniciou-se em 2021, se desenvolve a partir de três frentes fundamentais: virtual, presencial e política.

A) Ações virtuais: objetivam a instrução e a comunicação com um público amplo e diversificado, envolvendo crianças, adolescentes, jovens e adultos, instituições, organizações e o poder público. Entretanto, enfrenta desafios em alcançar diretamente crianças, mais notadamente com idade até 12 anos, dada a utilização mais restrita da internet.

Estas ações são conduzidas principalmente através das plataformas das redes sociais Instagram e YouTube. No Instagram, por meio do perfil @projeto.ppp, são realizadas postagens educativas que incluem informações relevantes sobre temas climáticos e ambientais, recomendações de livros, transmissões ao vivo, sugestões de atividades, campanhas, além da divulgação das atividades presenciais da ativista. No YouTube, é conduzido o programa de entrevistas "Papo Natural", onde é convidado um especialista no tema proposto, assim como crianças e adolescentes de diferentes idades, etnias, culturas e classes sociais para participação direta. Este programa configura-se como um espaço de aprendizado e, especialmente, de empoderamento infanto-juvenil, proporcionando-lhes a oportunidade de usar suas vozes, expressar suas preocupações em relação ao futuro, esclarecer dúvidas e estabelecer conexões com seus pares. A Figura 2 ilustra uma entrevista realizada com a indígena e socióloga Avelin Kambiwá.



Figura 2: Programa de entrevistas com a participação de crianças convidadas. Fonte: elaborado pelos autores.

B) Ações presenciais: visam a interação direta com a comunidade, abrangendo diferentes faixas etárias, e têm o objetivo de promover relações sociais eficazes e implementar ações práticas de proteção ambiental. Os desafios associados a essas ações incluem a limitação de disponibilidade da ativista, dado que é necessário elaborar uma agenda compatível às suas atividades escolares, e também os recursos financeiros, já que muitas dessas iniciativas são realizadas de forma voluntária. Tais ações incluem plantios comunitários, palestras, oficinas de bolinhas de sementes e manifestações. A Figura 3 apresenta algumas imagens de plantios, oficinas e palestras realizados.



Figura 3: a) Plantios comunitários; b) Oficinas de bolinhas de sementes e c) Palestra. Fonte: elaborado pelos autores.

Os plantios e oficinas são planejados como medidas concretas para conservar e restaurar o meio ambiente, em colaboração com outras crianças e adolescentes, contribuindo para o cumprimento dos objetivos estabelecidos no Plano de Restauração de Ecossistemas da ONU [9] e na correspondente Agenda 2030 [10]. Os plantios foram realizados em conjunto com a comunidade, promovendo inclusão social, interação direta com a natureza, familiarização com técnicas de plantio e conscientização sobre a manutenção e proteção da vegetação urbana. Até o momento, os plantios concretizados foram viabilizados por meio de parcerias com organizações e entes públicos, como a Prefeitura de Belo Horizonte, a então Deputada Federal Duda Salabert(Belo Horizonte/MG), o Projeto Resgatar Pé na Bola (Ibirité/MG) e a Plant-for-The-Planet (Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro). Embora até o momento não tenha sido realizada a coleta de dados formal dos participantes envolvidos nos plantios, observações informais e conversas durante o processo revelaram que a maioria dos adolescentes, entre 10 e 17 anos, nunca havia realizado tal atividade. Muitos desconheciam o procedimento de abertura do berço (cova cavada para inserção da muda), as espécies nativas brasileiras e os cuidados necessários após o plantio, bem como os métodos para a manutenção da árvore.

As oficinas são estruturadas para a produção de bolinhas de sementes, com o intuito de atender um público de diferentes faixas etárias. O objetivo é introduzir os conceitos de reflorestamento e reciclagem, empregando papel reciclado como matéria-prima, e explorar temas como os benefícios do reflorestamento, as etapas do desenvolvimento das plantas, suas aplicações e o processo de produção das bolinhas. Uma segunda fase da oficina, caracterizada como a evolução da anterior, envolve o lançamento manual das bolinhas de semente em áreas urbanas degradadas. Tal oficina objetiva apresentar o contexto natural nos centros urbanos, trazendo a experiência dos alunos para discussão e explorar soluções possíveis para a restauração ambiental das cidades. Assim, as oficinas se configuram como uma iniciativa social e ambiental importantes, uma vez que dota as crianças e adolescentes do conhecimento necessário para a regeneração de sua cidade e lhes oferece educação ambiental teórica e prática. Até o momento estas oficinas foram executadas em escolas públicas e privadas da cidade de Belo Horizonte, incluindo alunos do 2º ao 5º anos do ensino fundamental, e na 1ª e 2ª Virada Climática de BH, evento da Prefeitura de Belo Horizonte, para um público com idades aproximadas entre 2 e 15 anos.

A partir de observações informais, constatou-se que a maioria das crianças e adolescentes não possuía conhecimento prévio sobre reflorestamento, áreas degradadas, processo de desenvolvimento das plantas e a importância das árvores no sequestro de dióxido de carbono. Ademais, muitas crianças enfrentaram dificuldades sensoriais iniciais ao manusear a pasta de papel e as sementes utilizadas, relatando prazer na continuação da atividade, tornando o processo mais lúdico e envolvente.

As palestras têm por finalidade a exposição de temas específicos e a promoção do conhecimento a um público direcionado. Elas proporcionam uma combinação de exposição e interação, facilitando a reflexão dos participantes sobre suas próprias realidades no contexto ambiental. Similarmente às ações anteriores, os dados obtidos até o momento foram coletados informalmente por meio da escuta às crianças e adolescentes envolvidos, bem como dos organizadores dos eventos. Seus resultados sugeriram que a receptividade do público infanto-juvenil a um interlocutor de mesma faixa etária é maior do que a receptividade a um adulto. Em palestras para o mesmo público infantil e adolescente, exposições realizadas pela ativista demonstraram maior interação e cooperação do público quando comparadas às exposições de adultos, indicando que agentes de socialização definidos por pares aumentam o potencial de aprendizado, conforme sugerido pelo “efeito manada” [7].

Outra forma de ativismo praticada por Júlia é a participação em manifestações. Seu objetivo principal é alertar crianças e adolescentes sobre causas de interesse direto, engajando-os e mobilizando-os em torno de objetivos comuns. Suas principais atuações em manifestações foram em defesa da Mata do Jardim América e contra a realização do evento Stock Car na área do Mineirão, ambos na cidade de Belo Horizonte. Esta última lhe concedeu o Prêmio Hugo Werneck na categoria “Melhor Exemplo de Iniciativa Individual”, demonstrando seu reconhecimento como ativista e agente de mudança efetiva.

C) Ações políticas: o exercício da cidadania tem sido realizado com o objetivo de garantir a elaboração de políticas públicas que assegurem à criança e ao adolescente o acesso a espaços públicos verdes e de qualidade. Além disso, a ativista visa a implementação de uma Câmara Mirim no município de Belo Horizonte, visando aumentar a participação das crianças e adolescentes nas decisões políticas. Conforme estabelecido pelo Artigo 4º do Marco Legal da Primeira Infância, “as políticas públicas voltadas para a primeira infância serão concebidas e executadas de forma a garantir a participação da criança na formulação das medidas que a afetam”, levando em consideração “suas características de idade e estágio de desenvolvimento” [11]. A partir de suas atuações, observou-se um efeito positivo junto à Câmara Municipal de Belo Horizonte, onde foram promovidas algumas audiências públicas com sua presença e de outras crianças, possibilitando o engajamento político dessa geração.

Como resultados gerais dos 3 anos de ações presenciais de Júlia, têm-se o envolvimento e participação de mais de 1.000 crianças e adolescentes. Dessas, percebeu-se que todas incluem os fatores de influência da atitude e do comportamento ambientais, tais como relação com a idade, grau de informação, relação com a natureza e influência social, aplicadas em atividades diversificadas.

Comparativamente às ações virtuais, que acolhem um público de diferentes faixas etárias e proporcionam diferentes experiências, as atividades presenciais exigiram uma abordagem mais específica de acordo com a idade, visando atender às necessidades particulares de cada estágio de desenvolvimento. Enquanto crianças até os 10 anos demonstraram maior interesse em atividades lúdicas, como oficinas de bolinhas e plantio, que promoveram o desenvolvimento motor, a consciência corporal e a aprendizagem, os adolescentes se mostraram mais engajados em palestras, entrevistas e ações práticas como o plantio. Em

ambos os grupos etários foi observada a influência do comportamento de grupo, o que facilitou uma orientação mais eficaz das atividades propostas e a promoção da consciência ambiental.

As ações políticas geraram um impacto significativo no público adulto, que reconheceu a ativista como um modelo de cidadania e o despertou ao desejo de inspirar crianças de seu círculo social à consciência cidadã e ambiental. As ações da ativista permitiram tanto que outras crianças e adolescentes fossem representados por ela, como também proporcionaram a participação direta de outros, permitindo a escuta de suas vozes pelas autoridades públicas, tornando-os membros ativos da sociedade e protagonistas de suas escolhas.

Em todas as iniciativas verificou-se a formação de opiniões e mudanças de atitudes e comportamentos das crianças e adolescentes envolvidos, conforme relatado por familiares e instituições após cada atividade.

3. Conclusões

Os resultados da pesquisa indicaram o potencial significativo do ativismo infantil como ferramenta eficaz de educação ambiental, demonstrando que as atividades conduzidas por uma criança de 11 anos aumentaram a conscientização e promoveram mudanças comportamentais sustentáveis na comunidade. Além disso, constatou-se que iniciativas adaptadas às características e interesses específicos de cada faixa etária são mais eficazes que as ações de abordagem geral.

Os desafios e os facilitadores do ativismo infantil verificados ofereceram indicadores de planejamento para novas ações do Projeto e para a promoção de programas de educação ambiental mais eficazes em comunidades. Da mesma forma, constatou-se que a coleta de dados sistemática e a elaboração de metodologias mais precisas e eficazes possibilitarão ações com melhores resultados.

Finalmente, o estudo sugere que uma abordagem integrada, que combine educação ambiental com oportunidades de engajamento ativo, pode ser uma estratégia importante para tornar crianças e adolescentes agentes efetivos de mudança e promover, assim, a sustentabilidade.

Referências

- [1] HAHN, E. R. The developmental roots of environmental stewardship: Childhood and the climate change crisis. *Current Opinion in Psychology*, v. 42, p 19-24. 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2352250X21000075>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- [2] LONSO, A; COSTA, V; MACIEL, D. Identidade e estratégia na formação do movimento ambientalista brasileiro. In: *Novos Estudos*, n.78, p.151-167. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/v7D5qBHntPtQzG4WQ9nCRcp/>. Acesso em: 12 mar.2024.
- [3] LÓPEZ-FELDMAN, A.; HERREJÓN, G. Voluntary environmental action and inexperienced agents: The effects of information and learning on household choices. In: *Ecological Economics*, v.68, p.272-282. 2008.
- [4] OTTO, S.; EVANS, G.W.; MOON, M.; KAISER, F. The development of children's environmental attitude and behavior. In: *Global Environmental Change*, v.58.2019.
- [5] OTTO, S.; PENSINI, P. Nature-based environmental education of children: Environmental knowledge and connectedness to nature, together, are related to ecological behavior. In: *Global Environmental Change*, v.47.2017.
- [6] DAVIS, J. M., KRISTENSEN, L., & GIGER, J.-C. The Role of Environmental Education in Public Awareness and Decision-Making. In: *Environmental Education in a Climate of Reform: Understanding Teacher Educators' Perspectives*. pp. 21-38. 2017.
- [7] ESTEVES, L. R. O efeito manada e sua influência no comportamento ambiental em crianças. In: *Psicologia e Saúde*, v.36.p 45-58.2020.
- [8] LOUV, R. *A Última Criança na Natureza: Salvando Nossos Filhos do Transtorno do Déficit de Natureza*. Ed. Alaúde Editorial. 2012.
- [9] ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Década da Restauração de Ecossistemas*. Disponível em: <https://www.decadeonrestoration.org/pt-br/o-que-e-restauracao-de-ecossistemas>. Acesso em: 28 mar.2024.
- [10] ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/crime/embaixadores-da-juventude/conhea-mais/a-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentvel.html>. Acesso em: 28 mar.2024.
- [11] BRASIL. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. Brasília: Diário Oficial da União.